



BNCC E CURRÍCULOS DE MATEMÁTICA: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

FILIPE ALMEIDA PEDRA¹; MARTA CRISTINA CEZAR POZZOBON²

¹*Universidade Federal de Pelotas – filipeapedra@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marta.pozzobon@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento curricular homologado em 2018 a partir do qual o currículo de todas as escolas brasileiras devem ser adaptados. A partir da BNCC, foram criados o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) e o Documento Orientador do Município da cidade de Pelotas (DOM), documentos orientadores a níveis estadual e municipal.

A BNCC surge com um discurso de que a educação brasileira não está atualizada para o século 21 e de que é necessária uma homogeneização na escola brasileira, ou seja, o aluno que frequentasse o mesmo ano, independente do local do país, teria acesso aos mesmos conteúdos durante o ano. Segundo BIGODE (2019), no período que antecedeu a criação da Base, os meios de comunicação foram inundados de artigos e entrevistas com representantes empresariais defendendo que apenas uma base poderia garantir justiça e equidade para as escolas brasileiras.

Logo, o documento recebeu diversas críticas das comunidades acadêmicas de educação e educação matemática por muitos fatores. Dentre eles estão a falta da participação coletiva na construção da Base, desconsideração do conhecimento científico produzido pelas áreas de educação e educação matemática, favorecimento de uma formação mercadológica ao invés de uma formação reflexiva e a implementação de um currículo deslocado da realidade da escola brasileira (BIGODE, 2019; GALIAN e SANTOS, 2018; SILVA, 2018).

Com base nessas críticas e a partir de leituras sobre os temas de currículo, currículo de matemática e BNCC, os alunos da disciplina de Currículo e Ensino de Matemática, ministrada pela professora Marta Cristina Cesar Pozzobon, elaboraram um questionário para os professores de matemática da Região Sul do estado do Rio Grande do Sul sobre a implementação da BNCC nas suas escolas.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi feita a partir do Google Forms. O Google Forms é um aplicativo gratuito da ferramenta Google Drive que permite a criação de formulários que podem ser utilizados como questionários de pesquisa. Além disso, esse aplicativo é de fácil utilização, permite que os formulários sejam enviados por e-mail ou através de um link para os participantes da pesquisa e as respostas são organizadas em tabelas e gráficos (MOTA, 2019).

O questionário foi enviado a professores de matemática através de seu link por meio de grupos no Facebook e Whatsapp. Nele continha perguntas abertas e fechadas a respeito da atuação dos professores de matemática, sobre currículos de matemática e sobre a BNCC e outros documentos curriculares.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 33 professores consultados são atuantes na região sul do Rio Grande do Sul, sendo a sua maioria na cidade de Pelotas. Destes, a maioria atua no Ensino Fundamental e em escolas municipais. Quando questionados se consideram que nos currículos de matemática existem pontos que precisam ser discutidos e reavaliados para se adequarem à comunidade escolar, 66,7% responderam que sim e 24,2% responderam que um pouco. A grande maioria das respostas apontam que os conteúdos de matemática não são adequados à realidade do aluno. Sobre essa questão, o professor 1 afirma que: “*Acho que tem alguns conteúdos que fogem a realidade cotidiana dos alunos, precisando de algumas mudanças.*”.

Quando perguntados se na escola em que trabalham, o professor consegue desenvolver ações que ultrapassam o proposto no currículo escolar, em grande parte dos casos, os professores comentaram que as intervenções que fizeram foi para aproximar o conteúdo da realidade dos alunos. Quanto a essa pergunta, o professor 2 respondeu que:

“*Minha escola possui muitos professores preocupados com a relação entre o que é ensinado em sala de aula e o que é vivência dos alunos. Nesse ano, por exemplo, mesmo com o ensino remoto, buscamos trabalhar projetos, com assuntos da atualidade, contemplando várias disciplinas.*”

Ao responder a questão referente a se pudessem promover mudanças na educação básica, principalmente no currículo de Matemática, quais seriam, os professores voltaram a responder que incluiriam a realidade do aluno no currículo da disciplina de matemática. Sobre essa pergunta, o professor 2 respondeu: “*Que a matemática fosse tratada com mais relação ao dia-a-dia, de maneira que os alunos percebam que sim, a matemática estudada em sala de aula, está sim presente em muitas situações da vida.*”.

Nas escolas de 68,8% dos professores o currículo utilizado segue de acordo com a BNCC. Quando perguntados se na BNCC possuem muitos aspectos a serem alterados quanto ao ensino de matemática, 31,3% responderam que sim e 37,5% responderam um pouco. Respondendo sobre quais mudanças seriam essas, a maioria das respostas novamente foi sobre a vivência dos alunos. O professor 3 respondeu: “*Reorganização dos conteúdos para serem trabalhados, inserir outros necessários na vida do aluno.*” Já o professor 6: “*A ordem dos conteúdos de acordo com a maturidade dos alunos e as diferenças regionais.*”

Além disso, os professores também responderam se acreditam que o currículo organizado a partir da BNCC promove uma maior igualdade de aprendizagem entre alunos de escolas públicas e privadas, 37,5% responderam que não, 28,1% que um pouco e 34,4% que sim. Na justificativa, muitos daqueles que responderam que sim, citaram o fato de que seguindo a BNCC, as escolas teriam os mesmos conteúdos. O professor 4 citou que: “*Com a BNCC, as escolas têm um currículo comum a ser seguido tanto pelas instituições públicas como privadas.*” Já aqueles que responderam que não sugeriram que dadas as diferentes realidades, esse currículo seria posto em prática a partir de perspectivas diferentes, levando a mais desigualdade. O professor 5 respondeu que “*A equidade no ramo escolar deve partir de políticas públicas, sabe-se que muitas comunidades escolares não têm saneamento básico...*”. Já o professor 6 respondeu que um pouco: “*Creio que um pouco, pois não basta a distribuição de conteúdos ser a mesma, mas os ambientes terem recursos diferentes para investimento.*”.



4. CONCLUSÕES

Observa-se que as respostas dos professores evidenciam a falta de inclusão da realidade dos alunos da nossa região nos currículos de matemática e particularmente na BNCC. Isso mostra que o currículo não toma a escola como ponto de partida:

Quando não se considera a necessidade de se partir da escola, o alcance limitado das reformas já está dado no momento mesmo de suas proposições, visto que os educadores reinterpretam os dispositivos normativos e atribuem a eles novos significados; além disso, não se leva em conta, ou se trata como algo de menor importância, as reais condições em que a escola “deverá incorporar” a mudança; obedece-se, assim, a uma lógica que desconsidera, inclusive que as escolas se diferenciam uma das outras.(SILVA, 2018, p. 13)

Quanto à igualdade de aprendizagem entre as escolas públicas e particulares, mesmo os professores que responderam “um pouco” à questão referente a esse tema, mostraram sua preocupação com a diferença de realidades e condições de trabalho diferentes entre esses dois tipos de escola. Segundo OLIVEIRA (2018, p. 57):

A pluralidade do Brasil, ao contrário do caminho escolhido pelo governo ao insistir com a BNCC, exige pluralidade de possibilidades, de oferta de trajeto e de garantias de condições para que o processo ensino-aprendizagem ocorra. Para origens diferentes, necessidades diferentes, características sociais, culturais e econômicas diferentes, é preciso oferecer trajetórias diferentes! Tratar igualmente os desiguais é aprofundar a desigualdade! É inferiorizar alguns perante os outros. Reconhecer a necessidade de oferecer possibilidades DIVERSAS/PLURAIS de proposta e experiência curricular a alunos diferentes/desiguais é necessário para promover a equalização social e a redução das desigualdades.

Assim, através da análise das respostas dos professores observa-se que a BNCC dando a mesma orientação curricular às diferentes escolas de nosso país, em diferentes estados, acaba por ignorar as diferentes realidades materiais e socioculturais existentes, o que reflete, em particular, na Região Sul do Rio Grande do Sul. Para os professores a vivência do estudante, mesmo não sendo incluída pela Base, se mostra muito importante, sendo assim, para a adequação dos conteúdos à realidade escolar, muitos professores passam a ter ações que não são incluídas nos currículos de matemática. Logo, um currículo único, que não se adeque às diferentes escolas brasileiras, das diferentes regiões e ao dia a dia dos alunos se mostra insuficiente à necessidade das escolas e professores, além de possivelmente promover desigualdades entre escolas oriundas de diferentes meios sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGODE, A. J. L. Base, que base? O caso da matemática. In: CÁSSIO, F.; CASTELLI JR., R(Org.). **Educação é a base?**: 23 educadores discutem a BNCC. Ação educativa, 2019. p. 123-143.



SILVA, M. R. A BNCC DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO: O RESGATE DE UM EMPOEIRADO DISCURSO. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34, p. 1 - 15, 2018.

GALIAN, C. V. A.; SANTOS, V. M. Concepções em disputa nos debates sobre a BNCC: Educação, escola, professor e conhecimento. In: GODOY, E. V.; DA SILVA, M. A.; SANTOS, V. M.(Orgs.). **Curriculos de matemática em debate:** questões para políticas educacionais e para a pesquisa em Educação Matemática. 1ª. ed. Livraria da Física, 2018.

OLIVEIRA, I. B. Políticas curriculares no contexto do golpe de 2016: debates atuais, embates e resistências. In: AGUIAR, M. A. S.; DOURADO, L. F.(Orgs.). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas.** ANPAE, 2018.